

# ANÁLISE DOS IMPACTOS CULTURAIS, IDENTITÁRIOS E SOCIAIS DO COLONIALISMO NAS REPRESENTAÇÕES DOS PAPÉIS MASCULINOS E FEMININOS NO ROMANCE “AS ALEGRIAS DA MATERNIDADE”

ANALYSIS OF THE CULTURAL, IDENTITY AND SOCIAL IMPACTS OF THE COLONIALISM ON THE REPRESENTATIONS OF MALE AND FEMALE ROLES IN THE NOVEL "THE JOYS OF MATERNITY"

ANÁLISIS DE LOS IMPACTOS CULTURALES, DE IDENTIDAD Y SOCIALES DEL COLONIALISMO EN LAS REPRESENTACIONES DE LOS PAPELES MASCULINOS Y FEMENINOS EN LA NOVELA "LAS DELICIAS DE LA MATERNIDAD"

 10.5935/2177-6644.20220006

**Luiz Gabriel da Silva \***

 <https://orcid.org/0000-0002-1843-980X>

**Mariana Schulmeister Kuhn \*\***

 <https://orcid.org/0000-0001-5136-4021>

**Resumo:** Neste artigo, pretende-se analisar alguns aspectos inerentes ao romance *As Alegrias da Maternidade*, de Buchi Emecheta, a saber, a forma com que o colonialismo britânico influencia na transformação de alguns personagens no que concerne às suas identidades e as relações entre a população nigeriana e sociedade no tocante ao letramento, principalmente, o de reexistência, estabelecendo um desenraizamento de suas idiosincrasias ligadas à vida tribal em Ibuza.

**Palavras-chave:** Buchi Emecheta. Literatura Decolonial. Identidades. Letramentos.

**Abstract:** In this article, we intend to analyze some aspects inherent to the novel “The Joys of Maternity”, by Buchi Emecheta, namely, the way in which British colonialism influences the transformation of some characters regarding their identities and the relationships between Nigerian population and society in terms of literacy, mainly that of reexistence, establishing an uprooting of their idiosyncrasies linked to tribal life in Ibuza.

**Key-words:** Buchi Emecheta. Decolonial Literature. Identities. Literacy.

**Resumen:** En este artículo pretendemos analizar algunos aspectos inherentes a la novela “Las delicias de la Maternidad”, de Buchi Emecheta, a saber, la forma en que el colonialismo británico influye en la transformación de algunos personajes en cuanto a sus identidades y las relaciones entre población y sociedad nigeriana. en cuanto a la alfabetización, principalmente la de la reexistencia, estableciendo un desarraigo de sus idiosincrasias ligadas a la vida tribal en Ibuza.

**Palabras-clave:** Buchi Emecheta. Literatura Decolonial. Identidades. Literatura.

\* Doutorando em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR).   
<http://lattes.cnpq.br/5892472310423660> - E-mail: [dasilvaluizgabriel@gmail.com](mailto:dasilvaluizgabriel@gmail.com).

\*\* Doutoranda em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR).   
<http://lattes.cnpq.br/8894780001979594> - E-mail: [mari\\_schul@hotmail.com](mailto:mari_schul@hotmail.com).

## Introdução

Literatura e História – à primeira vista – parecem áreas do conhecimento opostas entre si pela forma como atribuem sentido às suas narrativas. Em verdade, tal concepção, que coloca estes dois campos como divergentes, existe desde a Antiguidade. Rancière (2010), ao abordar sobre o assunto, explica que “desde Aristóteles, acreditava-se que a ficção poética consistia em construir um enredo de verossimilhança, uma concatenação lógica de ações, enquanto a História apenas contaria os fatos como eles se deram” (RANCIÈRE, 2010, p. 76). Desta forma, enquanto o saber histórico precisaria, elaborar um relato verídico, o discurso ficcional não era obrigado a prestar contas à verdade.

Entretanto, esta concepção estanque vem sendo questionada nos últimos tempos. Uma análise mais atenta sobre o assunto faz perceber que “o testemunho e a ficção pertencem a um mesmo regime de sentido” (RANCIÈRE, 2005, p. 56). Assim, tanto o saber histórico como o literário têm como ponto comum o fato de dialogarem com a realidade e construírem discursos sobre ela.

A História, embora busque a aproximação com os fatos, não é “mimese daquilo que um dia tenha ocorrido” (PESAVENTO, 200, p. 34). Ela é uma representação do passado, mediada “pelo documento, pelo caco e pelos traços do passado que se impõem ao historiador”. Reconstruir o passado tal qual ele foi é, portanto, uma tarefa que excede as possibilidades da pesquisa histórica.

A literatura, por sua vez, apesar de não possuir compromisso de fidedignidade com a realidade, pode revelar traços de uma sociedade, seus valores, práticas, grupos sociais e até mesmo as disputas existentes em uma época. Assim, longe de ser “uma reivindicação do falso” (SAER, 1991, p. 2), é preciso compreender que este tipo de produção mescla dois elementos: o empírico e o imaginário.

Os literatos, ao construírem suas obras, não necessariamente se baseiam em fatos ou se apoiam em documentos para produzir suas histórias. Isto, no entanto, não lhes retira a possibilidade de abordar, em suas produções, aspectos da realidade vivida ou ainda de adicionar à sua narrativa aspectos autobiográficos. A estes dados do real, são amalgamados personagens inventados e situações que não ocorreram na vida prática tal qual estão na obra. Esta junção de elementos tão distintos faz da ficção um tipo de produção muito particular e que precisa ser compreendida exatamente dentro de suas especificidades

[...] porque só sendo aceita enquanto tal, se compreenderá que a ficção não é a exposição romaneada de tal ou qual ideologia, mas um tratamento específico do mundo, inseparável do que trata. Este é o ponto essencial de todo o problema, e é preciso tê-lo sempre presente,

caso se queira evitar a confusão de gêneros. A ficção se mantém à distância tanto dos profetas do verdadeiro quanto dos eufóricos do falso (SAER, 1991, p. 2).

Desta forma, o discurso ficcional é apenas mais uma das formas de representar o mundo. Seu discurso, no entanto, não se limita à mera descrição de situações e personagens. A literatura, vista enquanto produto de um determinado contexto, encarna em si uma potencialidade muito grande de questionar, criticar situações e, portanto, gerar interferências no real. Inserida em um determinado espaço-tempo, ela pode participar, inclusive, da construção de suas identidades, uma vez que estas

[...] são construídas dentro e não fora do discurso, que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas. As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. É apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado ‘positivo’ de identidade pode ser construído (HALL, 2014, p 109).

Nesse sentido, Buchi Emecheta, em seu artigo *Feminism with a small “f”!*, argumenta que seus escritos refletem momentos vividos por ela, desde sua infância em Ibuza e Lagos. A autora comenta: “Eu nasci em Lagos, Nigéria e fui criada parte lá, parte na minha vila, Ibuza, e isso explica meu desejo por contar histórias de quando eu era uma criança”<sup>1</sup> (EMECHETA, 1986, p. 173, tradução nossa).

Os livros de Emecheta fazem parte da chamada literatura decolonial africana. A autora, que nasceu na cidade de Lagos e foi criada em Ibuza, sob as tradições igbo, produziu obras que permitiram “descolonizar o olhar sobre a literatura africana”. Ademais, por meio de seus escritos, trouxe à tona uma série de traços culturais inerentes à sua vivência na sociedade nigeriana, tais como a do *lobolo*<sup>2</sup>, também conhecido como “preço de noiva”, a prática da herança da família – quando há a morte de um dos homens – a vida comunitária, dentre outros elementos.

Com relação aos aspectos culturais da sociedade nigerina retratada na obra supracitada, principalmente, ao uso dado ao *lobolo*, é necessário ressaltar o fato de apenas homens terem acesso à educação formal, pois o valor do dote é revertido para que os descendentes do sexo masculino possam ser matriculados na escola e as taxas semestrais/anuais pagas, ou seja, o letramento formal em uma sociedade influenciada pelas instituições reguladoras europeias. Coulmas (2014, p. 128) ressalta outro aspecto do domínio da escrita, a ser considerado, que é a força motriz de uma escola, pois sem uma a outra perde o sentido. Inclusive, enfatiza que, se não fosse por uma convenção para

<sup>1</sup> Original: “I was born in Lagos, Nigeria, and was raised partly there and partly in my village, Ibuza, and this explains my wish to tell stories when I was a child”.

<sup>2</sup> O *Lobolo* consiste em um pagamento em dinheiro destinado à família da noiva no casamento.

a adoção de uma língua oficial e por consequência grafadas, as distâncias entre língua falada e escrita ainda seriam abismais. Por conseguinte, ainda de acordo com Florian Coulmas (2014, p. 128), o letramento é relevante, inclusive múltiplos e multilíngues, pois em muitas sociedades, dialetos são marginalizados em detrimento de uma língua oficial imposta por uma minoria, como é o caso do contexto em que o romance se insere, quando o inglês crioulo é utilizado pela maioria dominada para que a comunicação e interação possa ocorrer.

O livro *As Alegrias da Maternidade* é uma das obras mais conhecidas da autora e que representa estes aspectos supracitados. O romance, publicado em 1979, narra as contradições existentes entre tradição e modernidade no período da Nigéria colonial, além de possibilitar reflexões acerca dos papéis atribuídos à mulher na sociedade da época. Emecheta enfatizava que escrevia, porque sabia que a educação ajudaria as mulheres africanas: “É verdade que se se educa uma mulher, se educa uma comunidade, ao passo que, se se educa um homem, se educa um homem” (EMECHETA, p. 175, tradução nossa).<sup>3</sup>

Com relação à análise desta obra, o principal objetivo deste artigo é compreender como os impactos culturais do colonialismo britânico foram representados em personagens femininos e masculinos neste romance, bem como, a construção de suas identidades neste contexto e a relação existente entre os personagens e a sociedade no que concerne ao letramento. Para tanto, foram selecionados cinco deles: Nnu Ego, a protagonista da história; seu esposo, Nnaife; seus filhos Oshia e Adim e a segunda esposa de Nnaife, Adaku. O critério de seleção se justifica tanto pelo destaque dos personagens supracitados no desenvolvimento da obra, quanto por passarem por algumas transformações no decorrer da narrativa, muitas das quais devido às exigências impostas pela vida em Lagos, cidade mais afetada pela interferência britânica.

### **As representações do masculino e feminino no contexto da Nigéria colonial e a construção da identidade dos personagens**

Para analisar o romance em questão é importante identificar as marcas que o imperialismo deixou na sociedade africana, inclusive nas representações de masculino e feminino, objeto principal de estudo deste artigo. Como referencial teórico, parte-se das reflexões de Anne McClintock por meio de sua obra *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial* (2018). De acordo com a autora, raça, gênero e classe são elementos que estão interligados no que se refere ao imperialismo. Ela chama a atenção ao fato de que “ainda que fossem homens brancos

---

<sup>3</sup> Original: “It is true that if one educates a woman, one educates a community, whereas if one educates a man, one educates a man”.

européus que, ao final do século XIX, eram donos e gerentes de 85% da terra, a relação crucial, mas oculta, entre gênero e imperialismo foi, até muito recentemente, desconhecida e desprezada como um *fait accompli* da natureza” (MCCLINTOCK, 2018, p. 21). Embora homens e mulheres africanas tenham sido prejudicados com a invasão do colonizador, estas tiveram que lidar com situações ainda mais difíceis, conforme se verá mais adiante por meio da análise da obra de Emecheta e das ponderações de McClintock.

O romance é ambientado em uma Nigéria marcada pela colonização britânica, perpassando um recorte temporal que vai desde as primeiras décadas do século XX até o período posterior à Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos no país africano.

No contexto histórico de 1934, no qual Lagos é uma colônia britânica, os personagens principais da história passam pelas três concepções do sujeito de Hall (2006, p.10-12) o Iluminista, sujeito sociólogo e o pós-moderno<sup>4</sup>. Neste sentido, o homem que, pelo viés da razão via sua identidade como algo individual, o cerne do seu ser e algo praticamente imutável, percebe que o seu “eu” se modifica a partir das relações que tem com a sociedade e cultura que a permeia, tornando-o, conseqüentemente, um sujeito mais unificado e predizível.

Na obra, esse aspecto está presente nos valores culturais e tribais de Nnu Ego e os habitantes provenientes de Ibuza, que fizeram o êxodo rural para Lagos em busca de melhores condições de vida e um trabalho menos braçal, ou por motivos culturais, nos quais a mulher, por exemplo, ao possuir um laço matrimonial, passa a ser propriedade do marido e devido a isso está sujeita as imposições do seu cônjuge e do contexto em que estava inserida.

Ainda considerando as concepções de sujeito, Hall (2006, p. 12-13) enfatiza a ideia do fragmentado, pois o “eu” constrói identidades, que, muitas vezes, são contraditórias, resultando na instabilidade, surgindo questionamentos e paradoxos. Um exemplo desta situação é perceptível na personagem principal que passa, ao longo da história, a acreditar no deus judaico-cristão e cultivar sua “chi”<sup>5</sup> simultaneamente, mesmo não entendendo que as conseqüências do pecado (no conceito judaico-cristão) não acontecem imediatamente (ao contrário da tradição religiosa local – o que evidencia o sincretismo *sui-generis* a que está exposta constantemente), bem como, que a salvação

---

4 De acordo com o autor, o sujeito iluminista estaria dotado de características inerentes a valores desta corrente de pensamento, tais como uso da razão, consciência e ação. Já o sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este sujeito não seria autônomo e/ou autossuficiente, mas formado na relação com outros indivíduos que formavam a cultura de seu ambiente. Por fim, o pós-moderno, é caracterizado por uma identidade mais fluída, não fixa, sendo constantemente remodelada por sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2006, p. 10-12).

<sup>5</sup> Chi, na cosmologia igbo, é uma espécie de guia espiritual que acompanha a pessoa desde o nascimento até sua morte, muitas vezes ditando seu destino. Em *As Alegrias da Maternidade*, a Chi de Nnu Ego era uma mulher escravizada que foi sacrificada no ato da morte da mãe da protagonista, jurando vingança na posteridade.

não é algo que pertence a um futuro próximo, essa aproximação entre o “exterior” e o “interior” é o que o estudioso chama de sujeito sociológico. Em decorrência da fragmentação, o sujeito se transforma em pós-moderno, momento em que “a identidade se torna uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13).

Dessa forma, os primeiros capítulos da obra discorrem sobre a vida em Ibuza, baseada em uma organização social, cujos papéis definidos para homens e mulheres são bastante tradicionais e estanques, sendo eles caçadores e agricultores e elas assumindo uma posição subalterna e de complementaridade no trabalho. Sob o ponto de vista econômico, predomina, neste local, o trabalho na lavoura e há pouca influência do colonizador nas atividades desenvolvidas.

O pai de Nnu Ego é muito respeitado tanto por sua virilidade quanto por sua habilidade de caçador, atributos considerados essenciais em um homem da localidade. Já com relação às mulheres, espera-se que possam render um bom negócio no casamento, uma vez que as filhas, ao chegarem à idade da primeira menstruação, podem ser negociadas por meio da prática do *lobolo*. Assim, o valor arrecadado por sua família, é usado como investimento na educação do filho mais velho. Destarte, espera-se que as mulheres executem tanto tarefas domésticas, quanto atividades na lavoura.

A história começa a tomar outro rumo quando Nnu Ego, após um primeiro casamento estéril (no qual ela é apontada como a “culpada”), é devolvida ao pai, Agbadi. Devido ao fato de a maternidade ser um valor essencial na sociedade nigeriana, o patriarca faz um arranjo para que a filha contraia novamente matrimônio, mas, desta vez, em um lugar distante onde a sua “chi” ficasse satisfeita. Desta forma, a protagonista é enviada para Lagos, cidade que foi mais marcada pela presença colonial britânica, conseqüentemente, nesse novo espaço geográfico nota-se traços mais evidentes daquilo que Hall (2016, p. 12-13) chama de “fragmentação do eu”, uma vez que os povos nativos, ao chegarem em um ambiente dominado pelo colonizador europeu, são forçados a mimetizarem os novos hábitos marcados pelo hibridismo cultural. Um exemplo disso é quando seu novo marido, Nnaife Owulum, insiste para sua esposa (Nnu Ego) que eles devem frequentar a igreja católica para que seu casamento seja validado, uma vez que seus padrões britânicos não aceitavam empregados casados apenas pelas tradições tribais. Além dessa inserção às suas práticas religiosas, Nnaife representa a não conformidade igbo no que se refere ao seu biótipo:

Nnu Ego comportou-se com compenetração, tentando galhardamente aceitar os cumprimentos e abster-se de imaginar o que diria seu pai se aquele homem aparecesse em pessoa para pedir-lhe a filha em casamento. Fez força para não derramar lágrimas de

frustração. Estava habituada a lavradores altos, rijos, de mãos ásperas, escurecidas pelo trabalho no campo, pernas compridas e esguias e pele muito escura. Aquele homem era baixo, a carne da parte de cima de seus braços balançava enquanto ele se movimentava jubilante entre os amigos. E aquela barriga saliente!? Por que ele não a escondia? Nnu Ego o desprezou naquela primeira noite, especialmente quando, muito mais tarde, as pessoas começaram a fazer suas exageradas despedidas. Ele exigiu seu direito de marido [...]

[...] Outro pensamento cruzou sua mente: e se aquele homem a engravidasse, sua gente não ficaria louca de alegria? “Ah, minha chi”, orou, enquanto virava o corpo dolorido para o outro lado no catre de ráfia. “Ah, minha mãe querida, por favor, faça esse sonho virar realidade. Se isso acontecer, vou respeitar esse homem, serei sua esposa fiel e aceitarei seus modos grosseiros e sua aparência desagradável. [...] (EMECHETA, 2019, p. 39-40).

Nnaife não correspondia ao padrão de masculinidade a que Nnu Ego estava acostumada. Contudo, apesar da ojeriza que sentiu, foi compelida a aceitar o novo esposo desde que ele fosse o responsável por dar-lhe filhos, de preferência homens, valor que para sua cultura era indispensável para qualquer esposa para que pudesse ser considerada “mulher plena” e tivesse um *status* diferenciado perante as mulheres solteiras e possíveis novas esposas de seu marido. Além dos atributos físicos, o fato de seu Nnaife trabalhar em serviços domésticos para seus patrões britânicos, causava uma espécie de asco em sua Nnu Ego, que considerava tal atividade destinada a mulheres. Para ele, desde que fosse pago por seu trabalho, não havia qualquer problema em estar em uma posição subalterna. Até mesmo a humilhação sofrida na relação com seus patrões não o afetava de maneira alguma:

‘Boa noite, madame. Boa noite, senhor’, disse Nnaife ao patrão, que fazia de conta que estava muito concentrado na leitura do jornal que segurava diante de si para tomar conhecimento do que se passava ao redor. O dr. Meers espiou por cima do jornal, sorriu com malícia e respondeu: ‘Boa noite, babuíno’. No mesmo instante a sra. Meers disparou uma torrente de palavras tão atropeladas e tão impregnadas de emoção que Nnaife não conseguiu entender nada. Olhou boquiaberto para o marido, depois para a esposa, depois outra vez para o marido, tentando entender por que a sra. Meers estava zangada daquele jeito. A mulher prosseguiu por mais algum tempo, depois, de repente, se deu conta de que Nnaife ainda estava parado ao lado da porta. Fez um gesto com o braço indicando-lhe que saísse. Ele ouviu o dr. Meers rir e repetir a palavra ‘babuíno’. As mulheres eram todas iguais, pensou Nnaife, enquanto andava para seu próprio setor da casa, decidido a perguntar a alguém, tão logo possível, o significado da palavra ‘babuíno’. Não que fosse o tipo de homem que faria alguma coisa caso soubesse o que a palavra queria dizer. Ele teria se limitado a dar de ombros e comentar: ‘Nós trabalhamos para eles e eles nos pagam. Se ele me chama de babuíno, nem por isso eu viro babuíno’ (EMECHETA, 2018, p. 37-38).

A expressão “nós trabalhamos para eles e eles nos pagam”, demonstra que o dinheiro possuía um valor intrínseco, o que permitia que Nnaife passasse por tais suplícios. Esse ponto mostra uma grande discrepância entre a cultura de Iбуza, onde valores como hombridade e posição social eram inalienáveis, em contraponto com a vida em Lagos, local em que o dinheiro sobrepujava qualquer orgulho próprio. Desta forma, é possível inferir que o personagem em questão havia renunciado completamente ao modo de vida africano, uma vez que vivia com homens

brancos, trabalhava para eles, sujeitava-se a receber um parco salário e, para manter-se em sua posição, havia trocado até mesmo suas crenças tradicionais pelo cristianismo. Além de se submeter a xingamentos de seu patrão, também prestava obediência a sua patroa, o que era considerado um absurdo na cultura patriarcal nigeriana. McClintock (2018, p. 22) observa que “os privilégios de raça com frequência colocavam as mulheres brancas em posição de poder – ainda que emprestado – não só sobre as mulheres colonizadas, mas também sobre os homens colonizados”.

Com relação às consequências políticas da fragmentação ou “pluralização” da identidade defendido por Hall (2006, p.18), este pode ser considerado um exemplo conectado às diferenças étnicas, ideológicas, de gênero, demonstrando que o sujeito pode ter um posicionamento ou outro de acordo com a “lente”<sup>6</sup> utilizada para a análise. Portanto, a diferença racial atribuída a uma posição inferior ao empregado, bem como fazer uso do seu idioma nativo para que ele não entendesse que aquela palavra se tratava de um termo pejorativo, é um indicativo de que, para o Dr. Meers, a raça é sinônimo de *status*. Por conseguinte, Nnaife não passava de um animal primitivo, portanto, não havia respeito aos seus sentimentos ou a sua dignidade. Gee (2000-2001, p. 14) aponta que os discursos são de ordem social e cultural, mas a trajetória e a narrativa do sujeito são individuais, o que constitui a base (centralidade) de sua identidade<sup>7</sup>. Consequentemente, ao escutar a palavra “babuíno”, caso descobrisse o significado do termo, teria dito “Se ele me chama de babuíno, nem por isso eu viro babuíno”. (EMECHETA, 2019, p. 38). Para ele, era apenas mais um termo aleatório e que não o definia.

Em contrapartida, Nnu Ego ao se inserir nesta nova realidade, longe de sua comunidade, com um marido que não apreciava, sentia-se perdida. “Preso nesse entrelugar, nesse meio do caminho entre o passado idealizado e um futuro (ainda) incerto, ela não consegue tecer para si um sentido de existência” (FARIAS; PINHEIRO, 2021, p. 410). Ciente, no entanto, de que não havia como retornar para seu local de origem, após um certo tempo de casamento, ela tem seu primeiro bebê, Ngozi, que morre com poucos meses de vida. Em seguida, após um apelo a sua Chi, tem outra criança, que é batizada de Oshiaju, que significa “aquele que o mato não quis”<sup>8</sup>.

À medida em que seu filho cresce e Nnu Ego vai concebendo mais crianças, Oshia acaba tendo certos privilégios, devido ao fato de ser primogênito. O desenvolvimento de seu personagem

---

<sup>6</sup> Conceito de Ernest Cassirer presente no livro *Ensaio sobre o homem*, no qual defende que o indivíduo simboliza para obter uma leitura de mundo, a partir da lente que utiliza, ou seja, quais conhecimentos utilizará (área do conhecimento) para interpretar uma dada situação, a partir cultura que está inserido.

<sup>7</sup> Do inglês “The Discourses are social and historical, but the person's trajectory and narrativization are individual (though an individuality that is fully socially formed and informed).”

<sup>8</sup> Nnaife nomeia seu filho desta forma, porque o primogênito morto estava “no mato”, termo que designava o local de sepultamento.

vai tomando uma forma inesperada. No decorrer da história, é possível perceber as nuances que permeiam a construção da identidade do filho mais velho a partir de suas relações com a sociedade de Lagos, principalmente, no que se concerne à educação e a necessidade de um letramento formal, pois é esperado que o indivíduo, durante o seu período escolar, tenha uma capacidade maior do que a de simples codificação e decodificação de códigos linguísticos, denominada como a capacidade de saber ler e escrever, culminando no letramento que ocorre durante toda a sua vida.

Logo, é isso que o filho mais velho de Nnu Ego busca ao insistir em estudar.

‘Quando eu concluir meus estudos em Hussey, pretendo ir para a universidade’.  
O que é universidade? Você já não estudou que chegue?’  
‘Não, mãe. Que chegue, não. Não tenho como ajudar Adim. Pelo menos não por enquanto. Não consigo ajudar nem a mim mesmo... oh, mãe, não faça essa cara. No fim as coisas vão dar certo, só que vão demorar mais se eu ficar na Nigéria, e os estudos feitos aqui são os mais demorados. Cursar uma universidade fora é só o arremate de tudo. A parte mais difícil foi completar o curso aqui. Seria um enorme desperdício receber essa base tão boa e não ter condições de construir alguma coisa em cima. Em breve eu ficaria como meu pai...’  
(EMECHETA, 2018, p. 178).

Neste trecho é possível identificar dois aspectos principais para a análise proposta no artigo: o rompimento com a expectativa da mãe, que esperava retribuição do filho após certa idade e a diferença de geração entre Oshia e seu pai. Oshia considera degradante a posição de Nnaife, portanto, visa galgar um futuro diferente de seus progenitores.

Esse posicionamento demonstra o afastamento das tradições de seu povo, pois, de acordo com a sua cultura originária, os filhos homens têm o dever de, além de sustentar seus pais na velhice para que possam descansar, se encarregar financeiramente da educação dos irmãos homens mais novos. Todavia, conforme ele vai crescendo e estudando, é influenciado pelas tendências europeias, segundo as quais, para ter currículo competitivo e se tornar bem-sucedido, ele deveria, além de obter um certificado de Cambridge, estudar em outro país. Em decorrência disso, a possibilidade de uma vida em uma universidade estrangeira é justamente um traço da influência colonial, mostrando um rompimento na tradição de modelo de masculinidade até então vigente. No decorrer da história, Oshia se distancia cada vez mais de seus pais e dos valores de seu povo. Portanto, quando não cumpre o papel que deveria assumir e vai para os Estados Unidos a fim de dar continuidade à sua formação, essa decisão reverbera em toda a família, pois todos esperavam que ele assumiria as responsabilidades da casa e ajudaria seus irmãos – especialmente Adim – após o término de seus estudos.

‘Você é muito criança para entender, Adim. Não quero viver como meus pais. Aprender é um projeto para a vida inteira. Se eu parar agora, só vou conseguir ajudá-los pela metade. Eu pretendia ir mais longe, depois de sair do colégio. Uns cinco anos mais... só então terei condições de ajudá-los. Por enquanto, não’ (EMECHETA, 2019, p.177).

Adim, dentro deste contexto familiar e social também constrói sua própria identidade, valores e expectativas. Quando ele sugere à mãe que também deveria ter o direito de estudar, sua intenção não era de “abandonar os pais” ou ir até outro país, como Oshia, mas sim de demarcar sua importância junto à família. Afinal, como segundo filho, sentia-se preterido ao ver todos os esforços financeiros destinados ao primogênito. Portanto, o segundo filho homem de Nnu Ego possui facetas identitárias distintas, conseqüentemente, a sua intenção ao enfatizar para a sua mãe que também deveria ter o direito de continuar seus estudos, *a priori*, não é de abandonar sua família, mas de garantir a sua importância junto à família como o segundo filho homem, uma vez que, até então, todos os esforços financeiros de seus pais estavam sendo em prol do primogênito.

Alguns anos mais tarde, Adim também manifestou o desejo de frequentar a escola secundária. [...] “Mas, mãe, por quê? Não mereço ajuda também? É minha culpa ser o segundo filho? Tudo na nossa casa é para Oshia. A melhor parte de todas as coisas é para ele. É só ele ter um capricho, e você satisfaz, mãe. Às vezes tenho a sensação de que, para você, os outros filhos não existem”, exclamou Adim, desalentado. Depois, com a mesma rapidez com que se exaltara, serenou, sem que Nnu Ego pronunciasse uma só palavra. Ele parecia estar falando consigo mesmo. “Vou para uma escola secundária. Vou até mais longe nos estudos: vou aprender uma profissão. Não serei um mecânico idiota na ferrovia. Vou sim, mãe, você vai ver só”. [...] “Não, mãe”, concluiu em voz alta. “Acho que não vou esperar meu irmão acabar os estudos para começar os meus. Vou aproveitar ao máximo o que tenho agora, enquanto meu cérebro é bom”. Adim se dedicou com afinco, tanto na escola como em casa. Perguntou-se muitas vezes se o irmão Oshia estava certo em seu propósito de pretender atingir o cume da profissão que escolhesse antes de parar, olhar para trás e ajudar os outros filhos [...] (EMECHETA, 2019, p.177-178).

De encontro à busca dos filhos pela educação formal, há a figura da mãe Nnu Ego que, por uma questão cultural, nunca vislumbrou a possibilidade de frequentar uma e ao marido e, finalmente, aos filhos, de acordo com as tradições de seu povo. É importante salientar que essa falta de liberdade inerente à condição da mulher, embora tenha suas especificidades culturais na sociedade em questão ao longo desta obra, tem traços em comum com o patriarcado ocidental. Na época retratada na obra, que engloba as décadas de 30 a 50 do século XX, havia questões sobre o domínio do patriarcado também no Ocidente, muitas das quais ainda bastante latentes.

Sobre seu papel na sociedade Igbo, a protagonista estava destinada a cuidar de seu pai e ajudar na lavoura, enquanto solteira e, quando casada, prover filhos homens para seu marido – visando a perpetuação dos laços sanguíneos e do nome dele. Por fim, ser uma boa mãe, que cria sua prole e busca uma fonte de renda alternativa para a família, quando necessário.

Segundo Kleiman (1995, p. 56) quando se trata de grupos que tiveram acesso à escrita negado ou impossibilitado, o uso do letramento informal é de suma importância, pois

precisamos conhecer as práticas discursivas de grandes grupos que se inserem precariamente nas sociedades letradas tecnologizadas, particularmente as práticas de

letramento de grupos não-escolarizados: por exemplo, quando fazem bicos, como calculam o material que necessitarão para realizar uma tarefa, quem faz o papel de escriba desses grupos, isto é, a quem recorrem quando precisam mandar uma correspondência, e como é a interação entre escrita e cliente, **quais são as estratégias que eles usam** [...], quais são as operações mentais que eles utilizam para realizar tarefas complexas e assim sucessivamente (grifos do autor).

No romance, Nnu Ego consegue superar algumas barreiras colocadas pela falta de conhecimento em leitura e escrita com a ajuda de Mama Abby que assume o papel de escriba e leitora de suas cartas. Esta Mulher, nigeriana, teve um relacionamento com um europeu e por conta disso aprendeu a ler e escrever, bem como, lhe foi garantida uma vida financeira segura.

Esta desigualdade no acesso à educação representado em *As alegrias da Maternidade*, ocorre, por vezes, devido aos diferentes valores que se atribui à educação em determinadas sociedades. Porém, em determinados contextos o acesso ao saber pode ter cunho estratégico, principalmente em “espaços sociais onde culturas dispares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente, em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação” (PRATT, 1999, P. 27). Nesta situação, a falta de conhecimento formal (escrita) nada mais é do que uma forma de manter essa relação de submissão.

Outro personagem da obra que representa muito bem o embate entre o tradicional e o moderno, bem como as relações de poder quando se atinge um *status* social em decorrência do dinheiro é Adaku, a esposa mais nova do falecido irmão de Nnaife. Conforme a tradição local, Nnaife se casa com a esposa de seu irmão, que acabara de falecer. No desenvolver da história, Adaku passa por um processo de transformação, no qual vai rompendo com certas tradições de padrões de comportamento feminino. A mais importante dessas mudanças ocorre quando Nnaife vai para a guerra, deixando ambas as esposas em uma situação financeira bastante difícil. Destarte, Adaku, após iniciar um pequeno comércio, resolve ir além, ao tomar a decisão de ser a dona de seu próprio destino:

Adaku suspirou. “Todo mundo me acusa o tempo todo de ganhar dinheiro. E o que mais eu poderia fazer? Vou gastar o dinheiro que ganhei dando boas condições a minhas filhas para que elas construam suas vidas. Elas vão parar de ir ao mercado comigo. Vou tomar providências para que comecem a frequentar uma boa escola. Acho que isso vai ser útil para elas no futuro. Hoje em dia, muitas famílias iorubás ricas mandam as filhas para a escola; vou fazer o mesmo com as minhas. Nnaife não vai entregar as meninas para marido nenhum enquanto elas não estiverem preparadas. Não vou deixar! Estou saindo deste quarto abafado amanhã, esposa mais velha”. “Para ir adorar seu chi?”. “Meu chi que se dane! Vou ser prostituta. Meu chi que se dane!”, repetiu Adaku, feroz. Nnu Ego não conseguia acreditar em seus ouvidos. “Você sabe o que está dizendo, Adaku? O chi, seu deus pessoal, que lhe deu a vida...”. “Não estou nem aí para a vida que ele ou ela me deu. Vou sair daqui amanhã com minhas filhas. Não vou para Ibuza. Vou viver com as mulheres da Montgomery Road. É, vou trabalhar com elas, dar felicidade a alguns de nossos homens que estão voltando da batalha” (EMECHETA, 2018, p. 155).

Neste trecho, a autora traz alguns elementos que são indicativos da mudança de paradigma da personagem em questão. Adaku, em confronto com o mundo colonial, percebe sua situação de sujeição e escapa dela, ainda que isso represente a vergonha de seu povo. Tal decisão não é tomada sem motivo: em Lagos, a rede de solidariedade não é tão ampla quanto em Ibuza. Nesta cidade, de características marcadamente coloniais, cada um precisava resolver seus próprios problemas. O fato de o colonialismo ter rompido com as redes de solidariedade, características dos povos autóctones, bem como a inserção de uma economia monetária, que privilegiava os europeus e relegava os dominados a posições subalternas, contribuía para o isolamento social daqueles que tentavam a sorte na cidade. O próprio pensamento de Nnaife, quando aceita ser chamado de “babuíno” – desde que seja pago - mostra o modo com que o pensamento colonial era inculcado em muitos nativos. Conforme observa Fanon:

O colonialismo não fez se não despersonalizar o colonizado. Essa despersonalização é sentida também no plano coletivo, ao nível das estruturas sociais. O povo colonizado vê-se então reduzido a um conjunto de indivíduos que só encontram fundamento na presença do colonizador (FANON, 1968, p. 131).

Tanto Nnu Ego quanto Adaku passam por dificuldades financeiras, situação comum nas cidades de dominação britânica. Para sobreviver, praticam a atividade comercial, que consistia em revender cigarros, lenha e outros objetos de pequeno valor. Neste aspecto, viviam uma situação contraditória: ao mesmo tempo em que seguiam a tradição de submissão ao marido, encaixando-se na tradição poligâmica, eram impelidas a desempenhar um papel diferente daquele proveniente de sua organização social original: precisavam se submeter ao comércio, atividade que era comum em Lagos, mas praticamente desconhecida em Ibuza.

É importante salientar que, nesta parte da história, Nnaife está lutando na Segunda Guerra Mundial, defendendo a nação colonizadora, contudo, boa parte da população possuía uma ideia bastante vaga do que este conflito representava, bem como, de qual seria a razão para o envolvimento da Nigéria em tal guerra. A própria Nnu Ego não entendia o porquê da participação do marido no conflito. A esta dúvida, Ubani, amigo de Nnaife, responde: “Não há nada que possamos fazer. Nós pertencemos ao povo britânico, assim como pertencemos a Deus, e, como Deus, eles podem se apropriar de qualquer um de nós quando tiverem vontade” (EMECHETA, 2018. p. 136).

Sobre a participação de Nnaife, ao lado do colonizador, na Segunda Guerra Mundial e sua falta de consciência acerca do conflito, é interessante recorrer novamente a Fanon e sua descrição destas pessoas como massa de manobra, o que poderia representar até mesmo um risco para povos

que quisessem fazer uma insurreição contra o domínio do colonizador:

O colonialismo vai encontrar igualmente no lumpenproletariat<sup>9</sup> uma massa de manobra considerável. Por isso, todo movimento de libertação nacional deve prestar a máxima atenção a esse lumpenproletariat: este responde sempre ao chamado da insurreição, mas se a insurreição acredita poder ir para a frente ignorando-o, o lumpenproletariat, essa massa de famintos e desclassificados, atirar-se-á à luta armada, participará do conflito, ao lado, desta vez, do opressor. O opressor, que nunca perde uma ocasião de atirar os negros uns contra os outros, utilizará com rara felicidade a inconsciência e a ignorância que são as taras do lumpenproletariat. Essa reserva humana disponível, caso não seja imediatamente organizada pela insurreição, formará como mercenária ao lado das tropas colonialistas (FANON, 1968, p. 112).

Desta forma, conforme a análise de Fanon, o qual bebe na fonte do marxismo, este tipo de subproletariado era utilizado pelo colonizador, conforme seu bel-prazer.

Nota-se na fala de Ubani, de que forma a presença do colonizador foi absorvida pela população, a qual, desde o momento da invasão de seu território ficou à mercê de suas ações. Em um primeiro momento, os britânicos tiveram um papel de desorganização da sociedade tradicional nigeriana, pois com sua presença promoveram a incorporação de novos hábitos que se chocavam com as práticas já enraizadas do povo. Na sequência, a eclosão da Segunda Guerra promoveu uma desestabilização econômica, pois, com o conflito, muitos dos europeus que viviam na Nigéria retornaram à Europa, deixando seus empregados nativos sem renda e com dificuldades em encontrar novas oportunidades. Ademais, muitos nigerianos, assim como o personagem Nnaife, foram obrigados a se alistar em um confronto do qual nem mesmo sabiam as motivações, deixando filhos e esposas em difíceis condições.

É possível perceber, na narrativa de Emecheta, o fato de as mulheres estarem sempre em piores condições do que os homens. Sobre a situação da mulher colonizada, McClintock traz as seguintes ponderações:

As mulheres colonizadas, antes da intrusão do domínio imperial, eram invariavelmente prejudicadas dentro de suas sociedades, em maneiras que davam ao reordenamento colonial de seu trabalho sexual e econômico resultados muito diferentes dos que obtinham os homens colonizados. Como as escravas, as trabalhadoras agrícolas, serventes domésticas, mães, prostitutas e concubinas das vastas colônias da Europa, as mulheres colonizadas tinham de negociar não só os desequilíbrios em suas relações com seus próprios homens, mas também o barroco e violento conjunto das regras e restrições hierárquicas que estruturavam suas novas relações com os homens e as mulheres do império (McCLINTOCK, 2018, p. 21).

Quando Nnaife retorna, o destino dele e de Nnu Ego se transforma depois que uma de suas filhas resolve fugir com o filho do açougueiro, pertencente a um povo rival. Visando defender a

<sup>9</sup> Expressão alemã, do vocabulário marxista, que designa um trabalhador abaixo da condição de proletariado (Disponível em: < <https://www.britannica.com/topic/Lumpenproletariat> >. Acesso em: 5 fev. 2021

honra de sua filha, embriagado e sonolento, Nnaife vai até a casa da família do jovem e atenta contra a vida dele, sendo preso na sequência. Esse é outro exemplo de como os nigerianos se enxergavam frente às mudanças impostas pela nova realidade pós-guerra, pois Nnu Ego se dá conta da impotência deles durante a prisão de seu marido, uma vez que estavam sujeitos às leis dos brancos, o episódio do seu julgamento mostra diversas influências do colonialismo europeu: os depoentes juram sobre a Bíblia – instrumento trazido pelo colonizador – e as autoridades, predominantemente europeias – não só não compreendem os preceitos intrínsecos à sociedade autóctone à qual Nnaife e Nnu Ego pertenciam, como chegam a ridicularizar muitas de suas falas, as quais provocavam risos no tribunal. O processo culmina na condenação do patriarca, cujo resultado não se dá apenas em razão do delito praticado em si, mas, principalmente, devido ao desprezo dos europeus pelas tradições inerentes ao povo igbo. Nesse sentido, Nnaife sente na pele as relações dos nigerianos com esse novo contexto social, pois foi obrigado a se submeter ao poder disciplinar para viver em sociedade, o que demonstra que o ser humano vive uma falsa liberdade, pois não pode satisfazer todos os seus desejos individuais (HALL, 2006, p. 42), mesmo sendo motivado por valores culturais.

Após os desdobramentos do julgamento de seu marido, Nnu Ego resolve retornar para Ibuza, pois nada havia restado para ela em Lagos. Nnaife a culpava pelo seu destino e “a família dele e muitos dos moradores de Ibuza, de um modo geral, criticavam-na por não ter sabido educar direito os filhos” (EMECHETA, 2018, p. 204).

O retorno de Nnu Ego para sua terra natal é indicativo do declínio da personagem. Primeiramente, esta situação marca a separação dela de seus filhos, uma vez que ela permanece apenas com dois deles – Nmandio e Malachi – o que a deixa, a princípio, desorientada. Afinal de contas, sua vida toda fora dedicada à maternidade e, afastar-se de seus rebentos, parecia-lhe impossível, o que ela expressa na seguinte reflexão: “Não sei ser outra coisa na vida, só sei ser mãe. O que vou conversar com uma mulher que não tenha filhos? Tirar meus filhos de mim é como me tirar a vida que sempre conheci, a vida com a qual estou acostumada” (EMECHETA, 2018, p. 206).

A frase “só sei ser mãe”, mostra o padrão de feminilidade a que Nnu Ego estava inserida e acostumada a vida inteira. “Durante toda sua vida, agiu como se sua força fosse – ou devesse ser – invencível; como se seu limite fosse – ou devesse ser – inatingível; como se sua maternidade fosse – ou devesse ser – impecável” (FARIAS; PINHEIRO, 2021, p. 416). Tal obstinação, longe de lhe trazer as alegrias esperadas, levou a personagem a um caminho de frustrações.

As decepções de Nnu Ego eram oriundas de um conjunto de expectativas não realizadas. O

casamento não foi o que ela esperava, afinal de contas, viveu com um homem desprovido das tradições que tanto prezava. Passou por dificuldades, quase morreu de fome, teve suas crenças e costumes questionados e satirizados, e nem mesmo sua fantasia de uma velhice tranquila e amparada pelos filhos foi satisfeita.

“O saldo final da vida de Nnu Ego resume-se a uma coleção de devaneios, dissabores e desgraças” os quais são coroados por uma morte precoce e solitária à beira da estrada (FARIAS; PINHEIRO, 2021, p. 407). Lembrada e invocada após a morte por mulheres que eram estéreis, Nnu Ego não atendia às preces daquelas que desejavam ser mães. Após uma vida de privações e renúncias, reconheceu, finalmente, a situação de sujeição que a maternidade lhe havia imposto e recusava-se a passar isso adiante.

### **Considerações Finais**

O romance de Buchi Emecheta permite analisar a vida dos personagens por vários vieses. O desenvolver da história, que conforme explanado, contém traços da vivência de Emecheta em Ibuza e Lagos, traz um panorama da vida em uma cidade afetada pelo colonialismo britânico, seja pela desorganização social em relação à vida dos povos autóctones, seja pela relação de servidão a que as populações nativas eram submetidas pelos brancos, sobrepujando muitas vezes valores como hombridade ou redes de solidariedade.

Também é importante notar o envolvimento do colonizado e sua relação subalterna em relação ao colonizador, muito bem explorada por Emecheta. Outrossim, as influências estrangeiras na construção da identidade dos personagens, bem como, as relações de poder entre europeus e africanos, inclusive, no que se concerne ao domínio do idioma do colonizador e o uso da escrita para assuntos oficiais pelas instituições governamentais, ficam latentes no romance supracitado, resultando em uma relação visivelmente assimétrica de poder. Tal descompasso traz diversos efeitos colaterais, tais como a desorganização social das sociedades tradicionais e as mudanças nos papéis masculinos e femininos. Com relação aos personagens masculinos, Nnaife, por exemplo, se torna a antítese dos valores originários de seu povo, tornando-se um sujeito cuja identidade é bastante modificada a serviço dos povos dominantes. Além disso, dois de seus filhos partem para o exterior, a fim de prosseguirem com seus estudos, em detrimento de um esperado auxílio a sua família, rompendo assim, com as tradições Igbo.

Já as personagens femininas, como Nnu Ego e Adaku também não ficaram incólumes à influência estrangeira, sendo compelidas a exercerem funções diferentes das de seus povos

originários e perdendo os benefícios das redes de solidariedade, traços que eram intrínsecos a seus povos.

O uso destas narrativas para o estudo da História se mostra um caminho bastante profícuo, uma vez que, conforme explanado, se tais obras não são, necessariamente, um mimetismo do real, possuem traços culturais e sociais da época em que foram escritas, o que auxilia na leitura do contexto histórico em questão.

## Referências

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

COULMAS, Florian. **Escrita e sociedade**. São Paulo: Parábola, 2014.

EMECHETA, Buchi. **As Alegrias da Maternidade**. 2ª Ed. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

EMECHETA, Buchi. “**Feminism with a Small “f”!**” Criticism and Ideology: Second African Writers” Conference, Stockholm 1986, Ed. Kristen Holst Peterson. Uppsala, Sweden: Scandinavian Institute of African Studies.

FARIAS, R. M.; PINHEIRO, V. R. A progenitora obstinada: apontamentos sobre a representação da maternidade Igbo na prosa de Buchi Emecheta e Chimamanda Ngozi Adichie. **Ilha do Desterro**, v. 74, p. 405-418, 2021.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GEE, James Paul. Identity as an Analytic Lens for Research in Education. **Review of Research in Education**, v. 25, p. 99-125, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Lamparina, 2015.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Silva, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JAIDE, Done. **African Philosophy**: the fundamentals of Odinani bym.o.ene. Disponível em: <<https://bitly.com/UyFQA>>. Acesso em: 14 jul. 2021.

KLEIMAN, Angela B.; ASSIS, Juliana A. **Significados e ressignificações do letramento**: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In KLEIMAN, Angela B. (Org) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15- 61.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Trad. Plínio Dentzien. Campinas: Ed. Unicamp, 2018.

PESAVENTO, S. J. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. **Revista de História das Ideias**, v. 21, p. 33-57, 2000.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**. Bauru: EDUSC.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. EXO Experimental / Editora 34, 2005.

RANCIÈRE, J. O efeito de realidade e a política da ficção. **Novos estudos CEBRAP**, n. 86, p. 75-80, 2010.

SAER, J. J. O conceito de ficção. **FronteiraZ**, n. 9, p. 320-325, 2012.

*Recebido em: 27 de dezembro de 2021.*

*Aprovado em: 09 de fevereiro de 2022.*